

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v11i1.44756>

Sentidos de proximidade na relação de migrantes brasileiras e brasileiros mediados pelos smartphones

*Senses of proximity in relations between Brazilian migrants
mediated by smartphones*

*La relación entre los inmigrantes brasileños mediados por
los smartphones*

Maria Cristina Dadalto

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo O artigo debate as emoções e afetos dos migrantes brasileiros e brasileiras estabelecidos em cidades europeias em relação às práticas de uso de suas mídias sociais nas plataformas digitais. Objetiva entender os sentimentos, emoções e afetos de ser e estar um migrante conectado e sua relação com suas redes familiares, de amigos e com nativos e outros migrantes. O método utilizado foi de entrevistas estruturadas e semiestruturadas.

Palavras-chave: migrante conectado, plataformas digitais, emoções, afetos, tecnologias digitais.



Abstract The article discusses the emotions and affections of Brazilian men and women migrants living in European cities in relation to the practices of using their social media on digital platforms. It aims to understand the feelings, emotions and affections of being and being a connected migrant and their relationship with their family networks, friendships and with natives and other migrants. The method used was structured and semi-structured interviews.

Keywords: connected migrant, digital platforms, emotions, affections, digital technologies.

Resumen El artículo discute las emociones y afectos de migrantes brasileños y brasileños residentes en ciudades europeas en relación con las prácticas de uso de sus redes sociales en plataformas digitales. Tiene como objetivo comprender los sentimientos, emociones y afectos del ser y ser migrante conectado y su relación con sus redes familiares, amistades y con los nativos y otros migrantes. El método utilizado fue la entrevista estructurada y semiestructurada.

Palabras clave: migrante conectado, plataformas digitales, emociones afectos, tecnologías digitales.

Recebido em 10-08-2023

Modificado em 10-01-2024

Aceito para publicação em 10-02-2024

Introdução

Neste artigo debato as práticas de uso das tecnologias digitais de brasileiros e brasileiras migrantes residentes na Europa. Esta pesquisa, ainda em processo de produção de campo¹ cujos resultados iniciais estão aqui sendo apresentados, busca entender como os sujeitos migrantes se relacionam com suas redes familiares, de amizade, com nativos e outros migrantes por meio das plataformas digitais. Objetivo responder ao meu problema de pesquisa visando entender o sentimento, emoções e afetos de ser e estar um migrante conectado. Nesta etapa utilizo como método entrevistas estruturadas, por meio do Google Forms, e semiestruturada realizadas pela plataforma Zoom.

As práticas de uso das Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicações (TDICs), e, conseqüentemente, as mudanças socioculturais instituídas nas relações socioculturais no contemporâneo, implicam na construção de plurais roteiros afetivos e físicos para os migrantes. Nesta direção, os impactos da experiência de ser e se sentir migrante geram negociações diversas e em múltiplos espaços de pertencimento.

Ponzanesi (2020:978. Tradução nossa) salienta que as novas tecnologias promoveram uma grande mudança nos processos de mobilidade humana, possibilitando novas conexões híbridas entre os sujeitos, diásporas digitais² e afiliações cosmopolitas. Ela entende a “mobilidade humana contemporânea como moldada e constitutiva de um mundo desigualmente interconectado”, e, em sua concepção, as tecnologias digitais produzindo “a constituição de um sujeito como alternativa à universalização da comunicação e das diferenças econômicas”. Elas contribuem, portanto, “para o nascimento de uma nova ‘subjetividade’ política em relação à globalização”.

Esse “mundo” interconectado, fundado no mercado das plataformas, e cujo poder van Dijck, Poell e Wall (2018) concebem como relacional e extremamente desigual, é constituído por lojas de aplicativos, plataformas de compartilhamento de vídeos, redes de publicidade programática, computação em nuvem, em especial. Para Poell *et. al* (2022:3. Tradução nossa) “o poder da plataforma é exercido, codificado e operacionalizado em torno de serviços de infraestrutura específicos”. Contexto que mobiliza articulações da economia psicossocial, políticas e culturais dos sujeitos nas variadas dimensões do ser e estar.

A subjetividade constituída pelos migrantes, em especial por e nas plataformas das redes sociais digitais e de mensageria, reflete a contínua mediação entre os ambientes online (digital) e offline (presencial). Macrocosmo no qual o filósofo Luciano Floridi (2017) aponta como onlife, e cujas conexões relacionais se apresentam como circuitos circulares, envolvendo migrantes e grupos diversos com suas redes de amigos, familiares

¹ Pesquisa realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES).

² Ponzanesi (2020) destaca que ainda não há consenso sobre o significado exato de diáspora digital, o que me conduz a seguir sua concepção e utilizar este termo, ao invés de e-diásporas, diásporas digitais, net-diásporas e web-diásporas tal como tem sido debatido.

e conhecidos que permaneceram em seus lugares de partida, nos de chegada, de nativos, e com outros migrantes.

Estas mudanças impulsionadas pelas tecnologias digitais trazem em seu bojo profundas transfigurações nos códigos simbólicos e normatizados que atravessam as experiências que circundam migrantes, suas redes de relacionamentos sociais e sociedade. Por sua vez, a compreensão deste processo, em contínuo movimento de transmutação, exige de nós pesquisadores pensar num “migrante conectado”, categoria introduzida por Dana Diminescou (2008), indicando um corte epistemológico de interpretar este sujeito com suporte na apreensão teórica metodológica das TDICs.

Diminescou, em artigo seminal publicado em 2008, desloca o olhar do sujeito analógico, desenraizado e separado de seus lares, para aquele vinculado a uma “presença conectiva em seus ambientes diaspóricos” (*apud* Leurs & Ponzanesi, 2018:1). Nesta perspectiva, as conexões relacionais são mediadas pelos smartphones, mobilizados em circuitos circulares e nas quais o uso de tecnologias digitais se torna um indicativo da “portabilidade das redes de pertencimento” (Diminescou, 2008:578).

Esta concepção envolve migrantes e grupos diversos, de forma complexa, relacionada inter e multidisciplinarmente, articulando as mobilidades nacionais e internacionais às redes de amizades e familiares que permaneceram em seus lugares de partida, nos de chegada, de nativos, e migrantes de outros pontos de partida. Bem como, nas dimensões econômicas, geográficas, climáticas, psíquicas etc. Ou seja, reflete o sujeito e os fluxos, cujos acionamentos de multiterritorialização (Haesbart, 2007), inserção e relações socioculturais, econômicas etc, encontram-se assentadas em bases mais fluídas, nas quais corpos e afetos são mobilizados e mediados pelos smartphones.

A discussão sobre a experiência da migração e as TDICs neste artigo será apresentada na próxima seção. Nela destaco as narrativas de Fabiana, Maria, Ananda (ambas com nomes fictícios) e Felipe, que expõem as dificuldades, sentimentos de estranhamentos e de proximidades que vivenciam no cotidiano como migrantes. Na conclusão argumento que a distância entre quem fica e quem parte se insere na dinâmica mediada pela intimidade e pela proximidade digital.

As experiências mediadas

Anat Ben-David (*apud* Hanfi, 2012), argumenta que as TDICs contribuem para a dessantitificação e a desterritorialização da pátria dos migrantes. Para ela, os smartphones são capazes de facilitar uma conciliação entre distintas heranças culturais representadas pelos diversos grupos migrantes e nativos estabelecidos no país anfitrião. De modo que as geografias de ligação – sociais, simbólicas, culturais – entre os migrantes, sem relação com a sua localização física, resultam em novas formas de multiterritorialização, tanto dos sentidos de referência de seu lugar e rede de partida quanto de onde se estabelecem.

A se ressaltar que as alterações nas várias dimensões socioeconômicas, políticas, culturais, geográficas e psíquica, têm como sustentação a experiência cotidiana onlife.

Nela o tempo vivido é simultaneamente online e offline, conforme aponta Luciano Floridi (2017). De modo que o estar lá (de onde partiu) e o estar cá (onde se estabeleceu) ganha novos contornos, nos quais hibridismo, diáspora e cosmopolitismo (Ponzanesi, 2020) se apresentam como novos aspectos de inteseccionalidade nas relações de sociabilidade dos migrantes digitais, especialmente se o vemos como usuários.

Bem como, altera o desejo do retorno a partir da relação composta por conexões mediadas pelas tecnologias digitais, mais especificamente o smartphone – considerado por Daniel Miller (2021) como uma casa, um espaço doméstico, que tem outras propriedades, com a capacidade de acessar outros portais e de conectar outras pessoas de forma não física.

O acesso às diversas plataformas, que devemos sempre lembrar são fluidas, porosas e negociáveis (Ponzanesi, 2020), constroem um sentimento de proximidade, apesar da intermitência da conectividade a depender de quem está em interação. Calhoun (2017), entretanto, adverte sobre a responsabilidade que, nós pesquisadores, temos de assumir ao refletirmos sobre este migrante conectado, que em sua visão é incompleta, dada a forma como as conexões nos afetam e afetam o outro.

Entendimento que reforça, em meu ponto de vista, a importância de pensar a potência dessa mudança de paradigma para refletir sobre o sentido ser e estar migrante nos nós e elos nos quais estão enredados no universo onlife. Até porque, as mídias digitais alteram drasticamente as construções sociais transnacionais (Leurs & Ponzanesi, 2018) e nacionais, uma vez que mediam e influenciam no comportamento sociocultural dos migrantes e nativos.

Para exemplificar, trago aqui uma conversa com Fabiana, realizada em 18 de fevereiro de 2023. Minha interlocutora desde 2015, ela é brasileira, tem 45 anos, é casada com um brasileiro, residente em Londres há oito anos, e afirma conversar cotidianamente com os pais, parentes e amigos pelo WhatsApp. Bem como, publica, marca e acompanha o perfil deles nas redes sociais digitais. Quando conversamos, entre surpresa e divertida, ela falou:

Você acredita que vim de férias agora em fevereiro e quando abri minha mala na casa da minha mãe só tinha roupa de frio para usar no janeiro londrino (risos). Eu trouxe duas malas de casaco para enfrentar o frio de Londres em Vitória (Espírito Santo)! Só percebi isso quando fui trocar de roupa porque estava fazendo muito calor. Eu nem pensei que estava retornando para o Espírito Santo, minha terra natal e lugar onde vivi até meus 35 anos. Me sinto tão em casa em Londres conversando com todo mundo cotidianamente como se estivesse aqui, que nem percebi que eu estava viajando para meu país no verão. Me sinto, quando falo com eles, normalmente na minha casa em Vitória, e olha que em Londres minha casa tem aquecedor para suportar o frio. O oposto do calor da minha cidade natal (Fabiana).

Diminescou e Loveluck (2014) asseguram que a potência das tecnologias digitais de comunicação e informação preenche, por meio de suas práticas de uso, uma compulsão de proximidade. Fato demonstrada pela narrativa de Fabiana que traz em seu bojo a dimensão das trocas de laços afetivos que mantêm o indivíduo se sentindo vivo, amado e

próximo e ao mesmo tempo compartilhando seus ritmos e cotidiano com os membros de sua rede

Este sentimento de proximidade também pode ser acessado com aqueles que permaneceram no lugar de partida do migrante. Em seu relato sobre a vida em Bugres, Bélgica, Maria (nome fictício), 22 anos, carioca, estudante de artes, explica o acompanhamento que a mãe, residente na cidade de Niterói, mantém cotidianamente com ela e com irmã, também estudante, mas de pós-graduação:

Eu e minha irmã moramos na Bélgica e conversamos com nossos pais todos os dias. Um dia minha irmã estava gripada e mamãe falou para ela ir ao mercado comprar limão, alho e mel para fazer um xarope para melhorar logo. E mais: afirmou que ela queria ver minha irmã tomando o xarope pelo WhatsApp (Maria, nome fictício).

As narrativas de Fabiana e Maria revelam a subversão dos sentidos contidos no poder das plataformas de mídia, tais como Instagram, Facebook, WhatsApp, Tik Tok dentre outros. De modo que elas acionam intimidades, sociabilidades, sentimentos de pertença que permeiam o cotidiano dos migrantes e suas redes familiares, de amizades e conhecidos. Anu Koivunen *et al.* (2023) chamam atenção para o papel das plataformas digitais na estruturação afetiva e temporal destes vínculos no dia a dia dos sujeitos.

Koivunen *et al.* (2023:2. Tradução nossa) sustentam que “a conectividade, a rede e as lógicas personalizadas são reconhecidas como parte da comunicação a qualquer hora e em qualquer lugar e moldam a vida cotidiana”. Ao mesmo tempo, as tecnologias digitais rastreiam, reconhecem, classificam e monitoram a presença, a visibilidade e o movimento dos sujeitos. O que, no caso dos migrantes, principalmente aqueles indocumentados residindo em países com forte presença de ação de governança digital, pode ser indicador de perseguição por parte das instituições e insegurança para os sujeitos.

Com isso, as tecnologias digitais também se tornam instrumentos de poder assimétrico. De um lado as instituições monitorando e acompanhando suas atividades com capacidade de implementar ações restritivas e até de deportação. Situação que afeta os indivíduos, provocando sentimentos de medo, frustração, tristeza e com eles ressentimento, insegurança e estado permanente de vigília. Por outro, a possibilidade de portar um smartphone e estar conectado com parentes e amigos se sentindo envolvido por sensações de proximidade, conforto e amparo sugere a possibilidade de uma brecha de tranquilidade para a manutenção dos ritmos da vida espacial e temporal dos migrantes.

Práticas de uso que sinalizam várias camadas de justaposição para a rotina cotidiana dos sujeitos migrantes, ocorrendo em vários níveis e na rapidez própria da internet. Mas que Sherry Turkle (2011) sintetiza num sentimento de oposição que contém duas palavras: sozinhos juntos. Para exemplificar, trago aqui dois exemplos de conversas com meus interlocutores que afirmam conversar cotidianamente por meio de vídeo com os pais pelo WhatsApp, assim como acompanhar o perfil deles nas redes sociais. João (nome fictício), residente em Porto, Lisboa, já residiu em Londres por 10 anos e na Itália por

dois, explica sua trajetória e o sentido que dá à presença do smartphone e às redes sociais em sua vida:

Parti novo da casa dos meus pais em Governador Valadares, interior de Minas Gerais. Não havia trabalho. Todos os meus amigos e conhecidos migravam para os Estados Unidos, para morar em Boston. Mas eu não queria ir para lá. Tinha medo de atravessar a fronteira porque era muito arriscado. E sou só eu de filho. Tinha medo de morrer ou ser preso. Preferi fazer outro caminho: ir para Londres para onde tinha mudado um amigo de infância depois de morar em Boston. Eu o encontrei em Governador Valadares quando ele foi passar férias lá. No início foi tudo muito difícil para conversar com meus pais, eu enviava cartas e conseguia ligar a cada 15 dias de um orelhão. E não podia falar muito porque era muito caro. Hoje falo com meus pais quase que diariamente. Ver a face dos dois, suas expressões, ouvir suas risadas, saber que eles estão com saúde é muito caro para mim. A saudade é imensa, mas o WhatsApp ameniza (João, nome fictício).

Em suas narrativas, Fabiana, Maria e João demonstram como as plataformas de mídias digitais oferecem um sentimento de copresença com os conhecidos – o que também acontece, muito possivelmente, com os desconhecidos. Fato que pode gerar segurança, sentimento de pertença e sensação de acompanhamento da rotina daqueles que estão distantes, e isso tanto de quem parte quanto daqueles que permanecem no lugar de partida. Mas também de expectativa com o que está por vir.

Cefai e Couldry (2019) asseguram que os sujeitos, modo geral, se orientam imaginando os possíveis efeitos de suas próprias ações. Situação que pode ser entendida de diversas formas, desde planejando e avaliando como irão se apresentar à recepção dos modos de estar e se posicionar nas plataformas das mídias digitais. Isso considerando a relação de usuários reais e daqueles imaginários, além dos objetivos que pretendem atingir e as motivações que estão regendo seu comportamento.

Contudo, as plataformas das mídias digitais também podem ser lugar de assédio dirigido aos migrantes por aqueles que não compartilham, que os veem como indesejáveis. Atitudes que se têm tornado cada vez mais comum, especialmente com o crescimento da extrema direita no mundo, e podem conduzi-los a emoções e sentimentos de medo, fragilidade e insegurança.

Este foi o caso de Ananda, 23, carioca e que foi fazer um intercâmbio nos Estados Unidos e decidiu permanecer na cidade por mais 2 anos com a proposta de conseguir fazer uma reserva financeira para poder retornar ao Brasil, ajudar os pais e irmãos que são pobres e poder fazer sua faculdade sem precisar de trabalhar. Numa tarde de maio de 2022, ela escreveu alguns comentários no Twitter se posicionando contra o olhar romantizado que o brasileiro lança sobre a vida naquele país. Por este comentário e o “fio” que fez explicando sua perspectiva, ela recebeu parabéns de muitas pela coragem de falar sobre sua experiência naquele país. Mas também foi agredida por quem discordou de seu posicionamento. Em nossa conversa, ela me disse que:

Me sinto desfavorecida. Como um todo, os Estados Unidos não são um país muito preocupado em políticas públicas, até para a população nativa (cidadãos). Mas sinto que essa problemática se intensifica com imigrantes e pessoas que aqui moram ilegalmente. Especialmente no tocante à saúde, que é absurdamente cara e inacessível. Mesmo tendo seguro, o valor a ser pago, se você precisar de algum cuidado médico, é enorme. Também percebo que no Brasil, temos leis trabalhistas mais humanitárias. E aqui também não existe ensino superior gratuito, o que torna difícil conseguir uma formação melhor. Quando fiz o post explicando por que considerava o olhar do brasileiro romântico, eu não imaginava que iria gerar tanta confusão e conflito. Fiz porque eu queria dizer para as pessoas que a vida aqui é muito mais difícil e diferente do que imaginam. A gente trabalha muito, sofre preconceito, xenofobia; muitos vivem com medo de serem descobertos e deportados (Ananda, nome fictício).

Ao revelar seu desamparo e frustração de uma aspiração de reconhecimento num país estrangeiro, Ananda é confrontada por aqueles que não esperavam ter suas expectativas desnudadas, seja por se contrapor à visão “romântica” do estrangeiro quanto por expor seus sentimentos íntimos de migrante mediado pelas mídias digitais. Cefai e Couldry (2019) entendem que a intimidade é configurada de modo público de identificação e autodesenvolvimento, articulada a um relacionamento dividido entre público e privado e que é sustentada e reconfigurada no neoliberalismo.

Nesta direção, também é necessário considerar os efeitos mediadores das tecnologias digitais e a identidade. Floridi (2017:9) argumenta que na filosofia da mente há uma distinção muito clara entre a identidade pessoal – aquela que pensamos que somos – e nossa consciência de quem somos. Para ele, o significado da construção de uma identidade online nos retira do anonimato, uma vez que sua imagem passa a ser associada a uma ideia de autodeterminação e autonomia. De modo que procuramos mostrar “quem razoavelmente poderíamos ou gostaríamos de ser, e isso contará uma história diferente sobre nós, que em longo prazo afetará quem somos online e offline”.

Ponderação que reflete também o significado de como esta sensação de se estar solitário e unido ao mesmo tempo resume o antagonismo da distância-presença onlife do compartilhamento de momentos íntimos de afeto com o grupo de relacionamento. Fato que, pela experiência de Ananda, indica a possibilidade de retroalimentação de suas conexões nas mídias sociais, afetando suas emoções, afetos e relações sociopsíquicas, políticas, culturais etc. Uma questão de mão dupla, pois pode ser dada apoio recebido ou pelas manifestações de intolerância.

O processo de ser um sujeito migrante conectado implica, no meu ponto de vista, que o muro invisível que separava o estar lá (de onde partiu) e o estar cá (onde se estabeleceu) ganha novos contornos. As possibilidades conectivas das relações entrelaçadas em circuitos socioculturais, políticos, geográficos, econômicos, dentre outros, mediados pelas tecnologias digitais, envolvem percepções de que as barreiras do contato afetivo são mais intensas em volume de contato cotidiano.

Felipe, capixaba, casado, pai e profissional da administração, planejou a migração de sua família por três anos. Primeiro buscou – como descendente de família italiana que migrou para o Espírito Santo no final do Oitocentos – fazer e obteve a documentação da

cidadania italiana. Ele tinha como base a migração de outros parentes para a Europa e que se encontravam oficialmente como cidadãos da comunidade europeia, mas oficiosamente como estrangeiros nos países de chegada.

Posteriormente, com tudo organizado, ele e a família se mudaram para Braga, Portugal. Ali permaneceram por um ano e então fizeram nova mobilidade, desta vez para a Irlanda, onde se estabeleceu e faz planos para permanecer por mais alguns anos. O objetivo dele é residir na Itália, mas considera que o país não vive um cenário político e econômico favorável. Os salários pagos são baixos e o crescimento da adesão à extrema direita são fatores que o desanimam. Desde que migrou, Felipe se mantém conectado às suas redes sociais digitais, postando fotos e comentários, mas explica que:

É na plataforma do WhatsApp, por meio de grupos diversos, que mantenho contato permanente com amigos e familiares. Eu e minha família falamos todos os dias com os parentes. Eu, inclusive, falo hoje mais com uns amigos do que antes de migrar. Além disso, me mantenho em contato constante com outros migrantes estabelecidos aqui ou em outras cidades, e com os irlandeses. Com eles participo de várias atividades, vejo novas possibilidades de trabalho... Não sinto solidão. Mas também estou com muita saudade de abraçar minha mãe (Felipe).

O relato de Felipe demonstra como os migrantes em suas interações conectivas desafiam o que Koeu Leurs (2018:15) define como “o poder da gramática da vida cotidiana” nos lugares onde estão estabelecidos. Ao mesmo tempo desnuda e combate uma ideia, ainda muito presente no senso comum, a do estereótipo do migrante: aquela do sujeito triste e pobre que foge de uma vida sem futuro ou de guerras entre países ou cartéis de drogas e milícias, por exemplo.

Esta perspectiva colonialista se encontra no rastro do que Balibar e Swenson (2004: 8) chamam de “institucionalização de um *apartheid* europeu” fundado numa imagem racializada, que classifica hierarquicamente, ordena e subordina migrantes e refugiados. Ou seja, o relato de Felipe oferece às suas conexões a possibilidade de reconfigurar o olhar do migrante de cima para baixo. Na contramão da ideia preconcebida, ele mostra a agência do migrante, descontrói a visão do sujeito passivo, vítima dos seus sofrimentos.

Para Leurs e Ponzanesi (2018:16) as relações conectadas e mediadas pelas plataformas permitem aos migrantes “gerenciar direitos, aspirações, liminaridades e conectividades de baixo para cima”. Elas criam alternativas tanto afetivas e de proximidade no âmbito pessoal, familiar quanto à oportunidade de que sujeitos estranhos à sua história de vida ou desejo de compartilhamento de experiências de vida atuem com o objetivo de amenizar seus isolamentos.

O migrante conectado, cuja vida cotidiana é mediada pela internet e o smartphone, possibilita a docilização afetiva da vida doméstica transnacional ou nacional, se insere na configuração de um sujeito que “recria identidades, compartilha oportunidades, divulga sua cultura, influencia a política do país de origem e do país do anfitrião ou cria debates sobre questões de interesse comum por meio de interesses comum por meio de dispositivos eletrônicos” (Alonso & Oiarzabal, 2010 *apud* Ponzen, 2020:984. Tradução nossa).

Daniel Miller considera o smartphone como uma casa, um espaço doméstico, que tem outras propriedades. Ele permite esta conectividade de baixo para cima dada a possibilidade de se manter conectado às diversas plataformas simultaneamente e com elas a circulação das informações. Um processo que constrói uma ideia de proximidade entre sujeitos diversos, que, em certa medida, se sentem livres para falar e expor sentimentos.

A conectividade também privilegia ao migrante a possibilidade de sair de seus “encapsulamentos” étnico, identitário e ganhar uma visão de mundo mais “cosmopolita” (Leurs & Ponzanesi, 2018), aberto a transformações. Ao mesmo tempo permite a manutenção dos vínculos emocionais e afetivos. Contudo, também se insere numa dinâmica cujo resultado pode ser o inverso, gerando conflitos, disseminando ressentimentos. Sendo o percurso do processo deste migrante conectado suportado por sua subjetivação, sua história de vida, seu caráter, ideologia, enfim... fatores alheios ao objeto em si.

À guisa da conclusão

Ao buscar refletir sobre o migrante do presente, entendo ser importante pensar sobre a potência da mudança de paradigma vigente até o início do século XXI. Ao contrário do migrante do século passado e dos pretéritos, a distância entre quem fica e quem parte é mediada pela tecnologia digital. É uma dinâmica inserida na categoria onlife proposta por Floridi, mediada pela intimidade e pela proximidade digital.



Fato que impõe também a necessidade de se pensar em como esta mediação exige um repensar do corpo e da tecnologia como fluxo e conexões que circulam com grande intensidade, mobilizando as emoções, desejos e aspirações dos migrantes. Enfim, refletir sobre como os sujeitos são afetados e afetam o outro por meio de sua presença e posicionamentos nas plataformas digitais, nos nós e elos das redes nas quais estão enredados e se estendem no universo digital e presencial.

Referências

- Balibar, Étienne; Swenson, James. (2004). *We, the people of Europe? Reflections on transnational citizenship*. Princeton, NJ, Princeton University Press.
- Ben-David, Anat. (2012). “The Palestinian diáspora on the Web: between de-territorialization and re-territorialization”. *Social Science Information*, v. 4, n. 51, pp. 459-474. [Consult. 15-06-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0539018412456769>
- Calhoun, Craig. (2017). The Rhetoric of Nationalism. In: Skey, Michael; Antonsich, Marco (ed.). *Everyday Nationhood: Theorising Culture, Identity and Belonging after Banal Nationalism*. London: Palgrave Macmillan, pp. 17-30.
- Ceifal, Sara; Couldry, Nick. (2019). “Mediating the presence of others: reconceptualising co-presence as mediated intimacy”. *European Journal of Cultural Studies*, v. 3, n. 22, pp. 291-308. [Consult. 15-06-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1177/1367549417743040>

- Diminescu, Dana. (2008). “The connected migrant: an epistemological manifesto”. *Social Science Information*, v. 47, n. 4, pp. 565-579. [Consult. 15-06-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0539018408096447>
- Diminescu, Dana; Loveluck, Benjamin. (2014). “Traces of dispersion. Online media and diasporic identities”. *Journal of Migration & Culture*, vol. 5, n.º 1, pp. 23-39. [Consult. 15-06-2023]. Disponível em <https://shs.hal.science/halshs-01172505>
- Floridi, Luciano. (2017). *La quarta rivoluzione: come l'infosfera sta trasformando il mondo*. Milano, Cortina.
- Haesbart, Rogério. (2007). “Território e multiterritorialidade: um debate”, *GEOgraphia*, ano IX, no. 17. [Consult. 15-06-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531>
- Leurs, Koen; Ponzanesi, Sandra. (2018). “Connected migrants: Encapsulation and cosmopolitanization”, *Popular Communication*, v. 16, n.1, pp. 4-20, [Consult. 15-06-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1080/15405702.2017.1418359>
- Miller, Daniel. (2021). “A theory of a theory of the smartphone”. *Cultural Studies*, v. 24, n. 5, pp. 860-876. [Consult. 15-06-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1177/1367877921994574>
- Ponzanesi, Sandra. (2020). “Digital diasporas: postcoloniality, media and affect”. *Interventions*, v. 8, n. 22, pp. 977-993 [Consult. 15-06-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1080/1369801X.2020.1718537>
- Poell, Thomas *et. al.* (2022). “*Locating and Theorizing Platform Power*”. Panel presented at AoIR 2022: *The 23rd Annual Conference of the Association of Internet Researchers*. Decolonising the Internet. [Consult. 15-06-2023]. Disponível em <http://spir.aoir.org>
- Koivunen, Anu *et. al.* (2023). “Anticipation as platform power: the temporal structuring of digital everyday life”. *Television & New Media*, v. 25, n. 2, pp. 1-8. [Consult. 15-06-2023]. Disponível em <https://doi.org/10.1177/15274764231178228>
- Turkle, Sherry.(2011). *Alone together. Why we expected more from technology and less from each other*. Basic Books, New York.
- Van Dijck, José.; Poell, Thomas; Waal, Martjn. (2018). *The Platform Society*. Oxford University Press.

Maria Cristina Dadalto

 <https://orcid.org/0000-0002-7925-3929>
 <http://lattes.cnpq.br/1720560349495010>

Cientista Social, pós-doutora pela Università Ca' Foscari di Venezia. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). E-mail: mcdadalto@gmail.com